

DOENÇA DE ALZHEIMER: CONSTRUÇÃO SOCIAL ESTIGMATIZADA E A DEFICIÊNCIA DE TRATAMENTOS

Congresso Nacional Online de Clínica Médica, 1ª edição, de 19/07/2021 a 21/07/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-47-0

FERREIRA; Caroline Mussi¹

RESUMO

Os estudos acerca da doença de Alzheimer (DA) foram iniciados por Alois Alzheimer, em 1901, após a admissão, no Hospital Psiquiátrico de Frankfurt, de uma mulher de 50 anos com uma sintomatologia paranóica e de intensidade crescente. Na análise histológica do cérebro dessa paciente, foi descoberto placas distintas e emaranhados neurofibrilares que, futuramente, foram classificados como depósitos insolúveis de peptídeos β -amilóides e proteínas tau quimicamente alteradas, respectivamente. A DA é uma condição neurodegenerativa que caracteriza-se por uma deterioração de memória e de outras funções cognitivas, com início insidioso e que, em muitos casos, em seus estágios finais, resultam em distúrbios motores, tornando o paciente acamado e incapaz de se comunicar verbalmente. Essa é uma das doenças cerebrais mais devastadoras em pessoas idosas. As principais características neuropatológicas da DA são a formação de placas senis e emaranhados neurofibrilares. Hodiernamente, já se tem o conhecimento de quatro genes específicos que causam formas da doença, sendo que três dessas mutações genéticas estão envolvidas com o aumento da produção de β A42, uma espécie mais longa da proteína β -amilóide, que, acredita-se estar associada com os estágios iniciais da DA. Ademais, o quarto gene é o da apolipoproteína E (APOE), sendo que a presença de uma ou duas cópias do alelo APOE4, uma das três principais formas alélicas dessa apolipoproteína, representa um risco para o desenvolvimento de Alzheimer em ambos os sexos. O estigma social associado ao envelhecimento inevitável dos seres humanos é um dos fatores que corroboraram para o atraso mundial relacionado ao desenvolvimento de pesquisas no ramo de tratamentos para essa neuropatia. Os tratamentos utilizados atualmente visam minimizar os distúrbios comportamentais, como psicose, depressão e agitação, por meio do suporte familiar e da utilização de farmacoterápicos. Após estudos em ambiente randomizado, duplo-cego e controlados por placebo, os únicos medicamentos que se mostraram eficientes para pacientes com DA foram os inibidores da colinesterase, já que é perceptível nessa doença uma redução de acetilcolina, neurotransmissor essencial para a realização das sinapses. Apesar de crescentes, ainda faltam pesquisas comprobatórias para outros tipos de tratamento: terapia de reposição com estrogênios em mulheres pós-menopausa, antiinflamatórios não esteroidais (AINE's) e agentes antioxidantes, como vitamina E. Sendo assim, cada vez mais percebe-se a necessidade de desenvolver novas pesquisas direcionadas para o tratamento de pacientes com Alzheimer. Portanto, esse resumo objetivou

¹ Graduanda em Medicina pela Universidade Nove de Julho, carolinemussi@uni9.edu.br

compreender a doença de alzheimer e seus fatores, por exemplo etiologia, a fim de discutir sobre o tratamento. Foi realizada uma revisão bibliográfica de artigos científicos nas plataformas SciELO, NCBI, NINDS, PMI e PMC, publicados entre 2000 e 2021. Utilizou-se os descritores: doença de alzheimer, DA, tratamento, farmacoterápicos e inibidor de colinesterase. Dessa forma, tendo em vista que o envelhecimento é um processo natural do homem, conclui-se que as doenças senis, como a doença de alzheimer, deve ser estudada e analisada, visando o desenvolvimento de intervenções que buscam pela minimização dos sintomas e pela maximização da qualidade de vida dessa parcela da população.

PALAVRAS-CHAVE: alzheimer, estigma, farmacoterápicos, tratamento